

letrônica

E no meio da floresta encantada

Maurício da Silveira Piccini

*“A metaficção historiográfica
da minha geração.”*

“Eu matei!”

O caçador matara ao menos um cervo para cada dia de sua vida adulta. Sobrevivera matando animais. Não era o que desejava para si, ou para qualquer outro, mas era seu trabalho. *Agora daria vida a outra pessoa através daquela presa, pensou. Que nobre fim.*

A menina veio a ele pelo meio das árvores. Quase perdeu a cabeça. Vestia uma capa longa de veludo azul. Tinha cabelos curtos e pretos. E olhos mais azuis que suas vestes. Ela atirou-se aos pés do caçador gritando que não a matasse. Ele nem a havia visto direito, mas largou a machadinha ao lado do corpo. E ajoelhou-se para ajudá-la.

“Senhorita, o que fazes tão longe da cidade?”

A menina de olhos azuis, de lábios vermelhos sem tintura disse estar perdida. Fugira do castelo para evitar sua execução. Não sabia do que era acusada. Apenas fugira.

“Não me mates, senhor. Por favor.”

O caçador tinha seu trabalho. Era sua vida em jogo. Precisava caçar como fazia há tantos anos. Só isso. E agora aquela menina ali à sua frente. *Que nobre fim, pensou, daria vida a outra pessoa.* Achava melhor que matar por dinheiro sem lhe dizerem o motivo. *Não tão bom quanto a vida de meus avós, filosofava sozinho no meio da floresta, mas uma vida.*

O caçador deu a mão à menina. Não queria matá-la. Quis saber por que ela fugia. Estava antes de tudo curioso. Queria saber qual crime poderia ter cometido aquela menina tão jovem e bela. Não sabia que era apenas isso. Jovem e bela.

“Enviaram um assassino atrás de mim”, ela disse.

Ali, no chão, joelhos enlameados, a menina era linda. O caçador teve pena. Olhou-

a com carinho. Água e pêlos de dois ou três dias na mata. Ela cheirava como um animal de estimação, um cheiro de barro com um outro, talvez de medo, de animal que sabe haver um ser superior controlando-o. O caçador ajudou-a a erguer-se. Levou-a até uma clareira. Fez uma fogueira. Aqueceu-a. Ela agradeceu o tempo todo.

Ele, o tempo todo, quis dizer que ela não morreria. Quis dizer que ele era o caçador contratado para matá-la e que, depois de vê-la, perdera a coragem. Tentou apenas acalmá-la.

“A senhorita está bem mesmo? Parece tão pálida.”

Perguntou se ela queria que lhe ajudasse a chegar a algum lugar. Ela negou. Disse que preferia que ninguém soubesse aonde ela ia, que precisava estar o mais longe possível e que não queria arriscar a vida de outra pessoa.

“Eu quero ajudar”, disse o caçador.

“Melhor que não, senhor.”

Ele estranhou o uso do “senhor”. *Talvez ela me ache velho*, pensou. Queria mesmo ajudar. Trouxe mais lenha para perto do fogo. Deixou seu manto junto à moça para o caso de ela precisar de mais calor. Ela agradecia, submissa. Balançava a cabeça sem olhar seu rosto. Esperou que ela parecesse confortável. O caçador queria ajudar. Fez o que sabia. Embrenhou-se na floresta e matou um cervo. Demorou apenas alguns minutos. Trouxe o animal para a clareira. A menina assustou-se.

“Calma, senhorita, não é nada.”, disse ele abrindo o peito da caça e retirando o coração. *É isso ou a morte*, pensou mas não disse.

Sorriu. O cheiro de ferro do sangue causava-lhe um efeito estranho. Lembrava-lhe a casa de seu avô, o ferreiro da aldeia antes da rainha tomar o trono.

“Olha, senhorita.”

A menina levantou-se, olhos saltados, pele branca como a neve.

“Eu matei.”, disse ele. Sorriso largo. Olhos fixos no presente em suas mãos.

“Eu vou dizer que este coração é teu.”

“Obrigada.”, ela respondeu. E saiu correndo mata a dentro.

Que este coração é teu, pensou ele. Esperava a menina sumir entre arbustos, mas passara muito tempo na floresta. Pôde enxergá-la por centenas de metros até ela sair da clareira e embrenhar-se na mata. Desejou-lhe sorte, melhor sorte que a dele pelo menos.